

BAILEY HANNAH



**A REDEA
SOLTA**

SÉRIE WELLS RANCH

**TOP
SEL
LER**

*Dedicado a todas as que pensávamos saber tudo na casa dos vinte.
Não faz mal precisarem de mais tempo para se encontrarem.*

*E se estiverem mesmo nervosas por causa disso,
sempre podem pinar com um cowboy tatuado
no capô do carro do vosso ex. Vejam se ajuda.*

Nota da autora

Esta história fala de uma gravidez acidental depois de um caso de uma noite. Por favor, tenham o seguinte em consideração: apesar de terem sido feitos todos os esforços para garantir precisão e sensibilidade, nem todas as gravidezes/nascimentos são iguais, pelo que alguns detalhes podem não ser precisos na vossa experiência. O mesmo é verdade para a experiência da Cassidy com Síndrome do Ovário Poliquístico e tireoidite de Hashimoto. Não se chateiem comigo por causa das referências ao tamanho de bebés — são retiradas de aplicações/websites de acompanhamento de gravidez e qualquer grávida que tenha olhado semanalmente para tamanhos com base em frutas vos dirá que *nunca* fazem sentido.

Se leituras detalhadas sobre gravidez não forem para vocês, podem facilmente saltar este livro e continuar a ler os livros da série Wells Ranch sem perderem qualquer informação crucial. Como sempre, cuidem-se.

Tenham calma com a Cass <3 Está grávida e com as hormonas em ebulição durante a maior parte deste livro.

Oh! Não me posso esquecer de referir que a autora não é responsável por qualquer gravidez não planeada que ocorra em resultado da leitura deste livro. Dupliquem a contraceção, amigas.

*

AVISOS DE CONTEÚDO:

- Gravidez (tema principal do livro) — inclui descrições de enjoos matinais e de procedimentos médicos elementares relacionados com a gravidez
- Aborto (breve referência)
- Parto (mostrado)
- Doença crónica — Tiroidite de Hashimoto e Síndrome do Ovário Poliquístico (mostradas)
- Problemas de imagem física (mostrados)
- Violência física (mostrada)
- Progenitor alcoólico/alcoolismo (discutido)
- Consumo de álcool (mostrado)
- Doença/morte de progenitor (discutida, não mostrada)
- Doença de Alzheimer (discutida, não mostrada)
- Abandono parental (discutido, não mostrado)
- Violência doméstica (discutida, não mostrada)
- Abuso infantil no passado (discutido em detalhe)
- Relação pai/filho adulto complicada (discutida)
- Consumo de marijuana (breve referência)
- Atividades do rancho — nascimento de crias (discutido)
- Cenras de sexo explícito, incluindo brincar com esperma, uso de brinquedos sexuais, degradação, *breeding*, colar manual (não asfixiofilia/sufocar)



1

Cassidy

Se há coisa que os homens têm é audácia, porra. Trazer a rapariga com que me enganou ao *rodeo* da *minha* cidade é outro patamar. A minha garrafa de cerveja bate com tanta força na mesa de piquenique pegajosa que é um espanto que não se parta. Se bem que, caso se partisse, teria algo com que cortar a expressão arrogante do meu ex-namorado. E esse é um cenário que não me parece nada mal.

— Vou buscar outra — grito para uma das minhas melhores amigas, a Shelby, por cima da música da banda de *covers* Brooks & Dunn. — Vou matar alguém se os vir curtir mais um instante que seja.

— Bebia mais uma — diz a Shelby, fazendo que sim com a cabeça e acabando de um trago com o que resta da sua cerveja. — Nesse caso, para de olhar para eles. O teu tempo de ficar na merda já devia ter passado, miúda. Ele que se lixe. É combater o fogo com fogo. Arranja um homem com quem passares a noite.

— Só há um pequeno problema, Shelb. Não estou interessada em nenhum dos tipos que aqui estão.

Não costumo namorar. Não é por ser uma menina certinha, se bem que muitas pessoas daqui pareçam achar que sim. Só que tenho um conjunto rígido de regras. Tal como noventa por cento dos seus

dois mil habitantes, vivo em Wells Canyon desde bebê. Tudo o que quero é alguém que não me conheça desde que usava fraldas, que não passe todas as sextas-feiras à noite no bar do meu pai e que não tenha dormido com nenhuma das minhas melhores amigas. A minha fasquia em relação a homens é tão baixa que bem podia estar no inferno, mas nenhum dos homens solteiros neste baile de celeiro preenche os três requisitos.

Incapaz de perceber os enormes alertas que emanavam dele, concordei com um primeiro encontro fatal com o Derek há mais de um ano, simplesmente porque preenchia os três requisitos. E correu tudo mal. As minhas melhores amigas consideraram isso um sinal de que devo desistir e namorar um dos habitantes locais. *Do que discordo de modo veemente.*

— Bem, estamos aqui para te tirar da fossa, e deixares que ele te irrite toda a noite não vai ajudar. Esquece-o.

— É mais fácil dizer do que fazer. Só aqui estão umas cem pessoas, e ele é alto. O que torna praticamente impossível esquecê-lo.

Tive os meus altos e baixos nas duas semanas após ter terminado com o Derek. E sem dúvida que nos últimos cinco dias bati no fundo. Tenho usado o mesmo pijama o tempo todo, e não apenas à noite. Durante *todo o dia*. Como cereais diretamente de uma malga e bebo sangria à temperatura ambiente. Frequentemente ao mesmo tempo. No fundo, transformei-me numa rapariga de república universitária deprimida porque não pôde passar as férias na Florida. Talvez até tenha tido a minha fase *Girls Gone Wild* no YouTube. Se isso não é o mais baixo de tudo, não sei o que possa ser.

Desesperada por uma noite despreocupada — algo que me permitisse voltar a sentir-me eu própria —, este *rodeo* não podia ter surgido em melhor altura. Só que o cabrão do meu ex-namorado tinha de aparecer para acabar com a minha boa disposição.

Quando nos aproximamos do bar, perco toda a atenção da Shelby assim que ela vê a sua paixão do mês, o Denver Wells, um dos rancheiros do Rancho Wells, império local da produção de gado.

Ele é bastante atraente, com cabelo castanho curto, uma covinha em cada bochecha e um corpo esbelto e musculado. Além de que é campeão da prova de montar touros, o que parece impressionar as miúdas de cá. E o Denny também é um tipo bastante decente, mas, mais uma vez, por algum motivo tenho regras.

Como habitual, a Shelby pede duas garrafas de cerveja e desaparece na multidão sem dizer palavra. Tudo o que consigo ver do alto do meu mísero metro e sessenta e cinco é o seu chapéu de cowboy coberto de pedras preciosas no meio das pessoas em frente ao palco, abrindo caminho até à mesa de piquenique onde está o Denny, na ponta do lado direito. A Shelby é doida por rapazes desde que a conheço e, embora não o entenda por completo, adoro isso nela.

Pego nas minhas bebidas e afasto-me para apreciar as tasquinhas do *rodeo*, respirando o ar fresco da primavera. Um quadrado de cimento, delimitado por painéis para gado e cercas de neve cor de laranja néon, mantém o caos controlado como se fôssemos uma manada de gado indisciplinada. Há apenas uma entrada e uma saída, passando pelo único polícia da cidade e pela sua equipa de seguranças voluntários. Cheira mais a merda de cavalo do que costume gostar, mas prefiro isso ao cheiro que o grupo de cowboys sujos, pessoas bêbedas e mulheres encharcadas em perfume teria se não estivéssemos ao ar livre.

Observando a multidão, não vejo ninguém com quem me interesse estar. Acho que o Denver e os seus vaqueiros não serão o pior grupo com quem socializar esta noite. Pelo menos não fazem comentários obscenos nem tentam apalpar-me o rabo quando os sirvo no bar, e alguns deles lavam bem a vista. No geral, são um grupo de rapazes bastante calmos, por isso sigo os passos da minha melhor amiga marota.

Ziguezagueando por entre um grupo de dançarinos em linha embriagados, sou parada apenas por cinco pessoas que querem conversar. O que é impressionante, tendo em conta que sou capaz de tratar pelo nome quase todas as pessoas aqui presentes. Embora sinta

os olhares de piedade de todos, os mexericos sussurrados sobre a minha relação vão desaparecendo. É mais uma flagrante recordação do porquê de eu não namorar com pessoas daqui.

Chego finalmente ao meu destino, encontrando a Shelby sentada em cima do Denny na ponta de uma mesa de piquenique, já com as línguas enfiadas pela garganta um do outro.

Céus, é garantido que ela não perde tempo.

Mais uma vez, adoro isso nela, mas não me imagino a curtir com um tipo num sítio como este. As notícias espalham-se mais depressa do que piolhos em Wells Canyon, e os mexericos são igualmente irritantes. Toda a gente, do meu pai à minha educadora de infância e à minha cabeleireira, ficaria a saber logo a seguir. É uma lição que aprendi da forma mais dura, depois de ter curtido com o Steven Gregoire à porta da mercearia no 10.º ano, o que me obrigou a uma perturbadora conversa sobre sexo com o meu pai assim que entrei em casa. Nunca mais cometi o mesmo erro, sendo provavelmente por isso que as pessoas da terra pensam que sou uma pudica.

O par de garrafas cor de âmbar que trago nas mãos provoca um som cavo ao embater na mesa de madeira em mau estado quando me sento diante do Red, um dos cowboys do Rancho Wells e, possivelmente, aquele de que menos gosto. Se tivesse um dólar por cada vez que o expulsei do bar por andar à pancada, pelo menos teria dinheiro para pagar as minhas bebidas desta noite. E se tivesse mais um dólar por cada vez que ele me irritou desde a escola primária, poderia aposentar-me e mudar-me para as Caraíbas.

— Sabes, não precisas de me trazer cerveja quando não estás a trabalhar, Cass. Mas obrigado. Estou comovido — diz o Red, fazendo um gesto como se fosse pegar numa das minhas bebidas e, por reflexo, dou-lhe uma palmada no antebraço musculoso e tatuado.

— Faz isso e eu corto-te.

Ele ri-se e ajusta o chapéu Stetson gasto que lhe cobre o cabelo ruivo desgrenhado. A alcunha dele não é exatamente a mais criativa que já ouvi, mas era ainda mais adequada quando ele era um

rapazinho, com um cabelo tão vermelho que dava a sensação de fazer parte da família Weasley. Agora tem o cabelo um pouco mais acastanhado, mas das poucas vezes que o vi com barba tornou-se evidente que é um ruivo genuíno.

— És muito indelicada quando não estás de serviço — atira, com um sorriso brincalhão.

— Pois, mas não me vais dar gorjeta, pois não? Não tenho de fingir que sou simpática.

Ficamos um longo bocado em silêncio, fingindo desajeitadamente que os nossos melhores amigos não estão a curtir a menos de meio metro de nós enquanto ouvimos a fraquíssima banda de *covers* Brooks & Dunn interpretar «Play Something Country» pela quarta vez esta noite. Seria de pensar que estamos num concerto a sério pela forma como as raparigas embriagadas se abanam diante do palco. É garantido que uma delas mostrará as mamas à banda antes do fim da noite. Se a Shelby não estivesse a ser sugada pelo Denver, era capaz de apostar que seria ela a fazê-lo.

— Aquele não é o teu namorado? — pergunta o Red, apontando para onde o Derek e a *Alyssa* devem estar.

Não me atrevo a seguir o seu olhar, sentindo um aperto no estômago que me avisa para não estabelecer contacto visual, a menos que queira sentir um impulso assassino outra vez. Vítima de um súbito episódio de síndrome da perna inquieta, balanço o joelho e mantenho-me concentrada no Red, que empurra a bochecha com a língua enquanto fixa o olhar neles.

— Ex-namorado — corrijo-o. — Acabámos há umas duas semanas.

— Queres que lhe dê um murro?

— Não, Red, não quero — respondo, ainda que a minha vontade seja dizer que sim. Adoraria a emoção de ver o Derek receber um pouco do que merece, mas não vale a pena o que quer que possa acontecer depois desse primeiro golpe.

— Queres desferrar-te? Fazer-lhe ciúmes? Podemos curtir ao lado deles.

— Sinceramente, *vai à merda*. Só estou a tentar ouvir música e beber descansada, está bem? Porque é que não convidas uma miúda para dançar, dás início a uma briga ou fazes literalmente qualquer coisa que não seja chatear-me?

— Bem, eu não sei dançar, a única pessoa com quem penso lutar é o teu ex, o que tu já descartaste, e eu sentei-me aqui primeiro.

Assentando o cotovelo na mesa, apoio a testa na mão para não o ver, o que também bloqueia o Derek com eficácia. Dois coelhos irritantes de uma cajadada. Momentos depois, a mesa abana quando o Red finalmente percebe a deixa e se vai embora.

Mas ele não tarda a regressar. Desta vez, pelo menos, traz presentes e entrega-me um shot de tequila e outra cerveja. E eu não recuso bebidas grátis, mesmo quando não estou interessada no tipo que mas oferece.

— Um brinde a já não namorares com aquele palerma de merda — diz, levantando o seu copo e piscando-me o olho.

Valha-me Deus. Mas também... apoiado!

Engulo o shot, que empurro para baixo com vários goles de cerveja. Dolorosamente ciente do olhar do Red, que me queima as entranhas com um ardor maior do que o da tequila. Ele deita a garrafa vazia na mesa e fá-la rodar preguiçosamente com um movimento do pulso. Repetidas vezes.

Baque, tilintar, chocalho, chocalho, baque, tilintar, chocalho.

Até o som do vidro na superfície áspera da madeira poder ser um acompanhamento para a banda, que observo com atenção. Desesperada por olhar para qualquer outra coisa que não o cowboy sentado à minha frente, ou o meu ex-namorado algures no meio da multidão. Na esperança de que, se fingir o suficiente que gosto de más *covers*, possa perder-me na atmosfera e potencialmente salvar a noite.

— Ei, Cass — chama a voz rouca do Red, penetrando o ar quando eu já quase esquecera que ele está sentado diante de mim.

— O que é agora, Red? — pergunto, voltando a cabeça para ele ao mesmo tempo que solto um suspiro irritado.

— Olha para isto. Parece que me saíste no Jogo da Garrafa. É melhor beijares-me e fazeres ciúmes ao teu ex. Ele não para de olhar para aqui.

— És um idiota — respondo, com uma expressão trocista.

— Não te agrada? *Oh, está bem.* Se bem me lembro, Sete Minutos no Céu é um jogo mais do teu agrado, não é?

Maldita seja esta cidade. Sugeri *uma única vez* que um grupo de nós jogasse esse jogo numa festa de aniversário no 8.º ano, e ainda vem à baila quase duas décadas depois.

— Mas tu tens 13 anos? — Penso acabar com a cerveja demasiado cara, ir para casa e vestir o pijama. Toda esta noite foi um desperdício de tempo. Detesto saber que perdi tempo a pôr-me bonita para me sentar à mesa com o Chase «Red» Thompson, um rapaz de quem não gosto desde o ciclo preparatório. Obrigada a ver o meu ex-namorado curtir com a bonita rapariga de cabelos cor de asa de corvo com quem dormiu durante pelo menos metade da nossa relação.

— É disso que gostas? Porque isso é marado, Cass — troça, endireitando o chapéu. — Posso ter de fazer queixa de ti.

— Eu queria dizer que são ambos jogos de crianças, idiota — contraponho, bebendo um gole de cerveja. E outro. E outro.

— Só estou a dizer que todos parecem estar a curtir, menos nós. E ele ia ficar danado. Mas se um simples beijo é demasiado infantil para ti, há muitas coisas de adultos que podemos fazer — continua, erguendo uma sobancelha em desafio.

— Mas que raio de problema é o teu? — Inclinando-me sobre a mesa, arranco-lhe o chapéu de cowboy com uma palmada. Ele ri-se entre dentes, inclinando-se para o apanhar do chão e sacudindo o cabelo espesso. A agitação é suficiente para fazer separar a Shelby e o Denny, que até então mais parecia terem os lábios unidos por supercola.

— Olha, Shelb, vou para casa — anuncio, vendo que tenho a sua atenção.

Passo uma perna sobre o banco e levanto-me, sentindo o efeito do álcool que tenho na corrente sanguínea. O mundo fica um pouco toldado, as luzes junto ao palco parecem mais desfocadas do que outra coisa e as minhas pernas parecem presas em lama espessa. Acabar com a minha cerveja numa tentativa de me ir embora mais depressa pode não ter sido a melhor ideia.

— Não vás. Não! — protesta, afastando-se do Denny para me tomar pelo braço. — Devias andar à procura de um tipo que te ajudasse a esquecer o Derek esta noite.

— E eu disse-te que as possibilidades eram nulas aqui.

O olhar da Shelby desvia-se de mim para o Red antes de ela cravar de novo os olhos nos meus, com um encolher de ombros.

— Olha, não é bem uma... possibilidade *nula*.

— Que se lixe isto tudo. *Garantidamente, que se lixe aquilo* — protesto. — Vou para casa. Boa noite, pessoal.

— Boa noite, Cass. Adoro-te — ouço o Denny dizer atrás de mim.

Ouçó um guincho alegre da Shelby, possivelmente quando ele a agarra e puxa para si para mais um beijo devorador.

Cambaleio por entre a multidão de pessoas embriagadas, procurando não me espalhar enquanto tento perceber ao certo quão embriagada estou. É esse o problema de beber quando estamos confortavelmente sentados. Assim que nos levantamos, a Terra parece oscilar no seu eixo e damos por nós com dificuldades em nos mantermos de pé.

Infelizmente para mim, os *rodeos* de cidades pequenas parecem-se demasiado com reuniões de família para permitir uma fuga rápida. Pessoas que conheço puxam-me em todas as direções. Do Jerry, um cliente habitual de meia-idade do bar, que me pede sempre que dance com ele, ao diretor da minha escola secundária. A Debbie, dos Correios, encurrala-me para me perguntar se lhe posso tomar conta do gato quando ela for a Vegas — e quem sou para recusar quando me mostra o chapelinho com visor que fez para o bichano? Estão aqui todos e mais algum, constituindo um bloqueio inconveniente no caminho solitário para fora deste inferno.

Depois de escapar por pouco a um grupo de raparigas que andaram comigo no secundário, estou quase livre. Seria capaz de correr daqui para fora se a minha coordenação estivesse boa o suficiente. Enquanto me arrasto lentamente ao longo da fila de casas de banho móveis sem tirar os olhos da saída à minha frente, uma voz desagradável provoca-me um arrepio na espinha.

— Cass... olá.

Deixo cair os ombros e fecho os olhos, mas apenas uma fração de segundo, porque faz com que o mundo comece de imediato a rodopiar descontroladamente.

— Olá, Derek — respondo, voltando-me para ele. Felizmente não está acompanhado pela amante.

— Como estás? — Ele avalia o meu corpo de sobrolho levantado. Todas as palavras que não pronuncia ecoam na minha cabeça repetidas vezes. Claro que ganhei mais de dois quilos desde que terminámos, mas a luta que foi apertar o fecho da minha minissaia de ganga foi golpe suficiente no meu ego por um dia. Não preciso que ele me faça sentir ainda pior, e sei que está a fazer um esforço tremendo para se impedir de comentar a minha aparência. Faz-lhe confusão que me sinta relativamente bem com o meu corpo tamanho quarenta. De certeza que ficarei ainda mais satisfeita com o meu tamanho agora que não tenho de ouvir os seus comentários negativos a toda a hora.

— Estou bem. Ótima, na verdade. Na verdade, estou fantástica, porra — respondo sarcasticamente. — Estás a divertir-te?

O que quero dizer é: *por que raio estás num rodeo na minha cidade semanas depois de me fazeres sentir a maior idiota do planeta?*

— Sim. A Alyssa nunca tinha estado num *rodeo*, por isso...

Graças aos anos passados a servir à mesa no bar do meu pai, a minha voz de serviço soa irrepreensível e nada afetada pelo meu consumo de álcool.

— Isso é... *fantástico*. Formidável. Ainda bem que a trouxeste. Vou-me embora, portanto... foi *fantástico* ver-te.

— Espero que não te vás embora tão cedo porque eu estou aqui.

— Não. De todo. Não vou para casa. Só vim à casa de banho. — Não sei por que estou a mentir, nem porque não me calo. — Também estou aqui com outra pessoa. Estamos a divertir-nos muito.

Porque é que insisto? Talvez o álcool me esteja a afetar o discurso, afinal.

— Ah, sim? Vi-te a falar com o Red. Não me digas que estás com *aquela* tipo. Credo, Cass. Enrolada com os cowboys locais? Eish... isso é marado, mesmo para ti.

Mesmo para mim?

O meu cérebro e a minha boca deixam de trabalhar em conjunto e as palavras saem-me de forma atabalhoada antes que tenha tempo de pensar bem nelas.

— Sabes que mais? Nem de longe isso é tão marado como trazes a rapariga com quem me enganaste a este *rodeo*.

— Cass, só estou a dizer...

— Não digas nem mais uma palavra, porque o cowboy com quem ando enrolada adoraria ter uma desculpa para te dar uma tarefa. Desejo-te uma noite *fantástica*.

Em vez de continuar o meu caminho para casa, olho para o Derek por cima do ombro e volto para a mesa de piquenique, ignorando todos os alertas e sinais de alarme que tilintam na minha cabeça. Sei que a ideia que se forma no meu cérebro embriagado é péssima. Também sei que, depois de um ano a aturar aquele idiota, não quero saber. Preciso de fazer *alguma coisa* para expelir a raiva que me pulsa nas veias.

Ele enganou-me de uma forma que me fez sentir uma tola. Demorei meses a perceber que ele tinha arranjado uma nova namorada e que eu fora relegada para o papel de ser a outra. Mas não gritei, não chorei, não atirei as coisas dele para a rua, não lhe furei os pneus do carro nem nenhuma das coisas que as minhas canções country preferidas dizem que ele merece. Assim, acabei com ele civilizadamente, entregando-lhe todos os seus pertences com um sorriso em

que não lhe mostrei os dentes enquanto ela me observava do lugar do passageiro do seu carro.

Já não quero ser melhor, mais madura e mais emocionalmente inteligente do que ninguém. Não esta noite. Mereço tomar uma ou duas péssimas decisões por uma vez na minha vida.

A Shelby e o Denny desapareceram, ainda que seja capaz de calcular para onde foram. Mas o Red continua sentado à mesa de piquenique, a beber cerveja enquanto assiste à atuação da fraca banda. Sinceramente, na minha perspectiva, ele não é mal parecido. Se não soubesse nada acerca da sua personalidade, talvez o achasse atraente. Mesmo material para dar uma. Com o cabelo ruivo desgrenhado sob o chapéu de cowboy, as tatuagens que lhe cobrem ambos os braços, os músculos salientes tonificados pelo trabalho árduo na herdade, as calças de ganga desbotadas justas às coxas poderosas e os olhos alegres azul-cobalto. O resto dele é que é uma pena.

Bato com as mãos na mesa, fazendo-o saltar. Não tenho a certeza de qual é o meu plano, a não ser que é alimentado pelo álcool e pelo ódio. E o Red é precisamente o tipo de homem capaz de alinhar.

— O convite para chatear o meu ex ainda está de pé?

— Porquê? Vês alguma coisa de que gostes, Cass? — responde ele, arqueando as sobrancelhas com um sorriso convencido no rosto estúpido.

— É possível, mas depois falaste. Já me arrependi. Onde está o Colt, ou literalmente alguém solteiro, atraente e menos irritante do que tu? — Foi um plano estúpido. Lá porque o Derek não gosta do Red e acha que descí de nível por andar com os cowboys do Rancho Wells, isso não significa que tenha de me envolver com um para me desferrar dele. O que é que provo fazendo isso? É garantido que a minha lógica tem muitas falhas. — Sabes... Deixa estar.

— Não sei onde está o Colt, mas eu estou livre para ajudar e sei de uma boa maneira de me calares a boca.

Massajo as têmporas e olho em volta do espaço. Como se Deus troçasse pessoalmente de mim, a única luz que ilumina a pista de

dança sombria incide diretamente sobre o Derek e a Alyssa. Arrancando a garrafa de cerveja da mão do Red, bebo um longo trago. Desce como água, e deixo de me preocupar se o meu plano faz sentido.

— Deita isso fora — digo, apontando para o alto junto ao seu lábio inferior. — Recuso-me a beijar quem tenha tabaco de mascar na boca.

— Mais alguma coisa? — pergunta ele, metendo um dedo na boca e atirando o tabaco castanho-escuro para o chão.

— Duas regras: não dizes nenhuma estupidez e não voltamos a falar disto. Combinado?

— Combinado, querida — responde, despejando o resto da cerveja e pondo-se de pé.

— Três regras — corrijo, soltando um suspiro. — Não me chames querida.



2

Cassidy

Com um punhado do tecido espesso da sua t-shirt enrolado na mão, arrasto-o até estarmos perto do Derek o suficiente para eu ter a certeza de que ele nos vê, mas suficientemente longe para que não pareça intencional. Mantendo-me mais junto dele do que nunca, passo as mãos pela barba áspera do Red e beijo-o. Um breve roçar dos nossos lábios. Não é, de modo algum, um grande beijo. É provável que nem sequer seja convincente — parece nojento e errado, como quando um membro da família nos beija acidentalmente nos lábios em vez da face. Juro que ouço o Derek rir-se quando me afasto.

Então, beijá-lo não é suficiente.

— Vamos — comando, agarrando na mão do Red, e ele segue-me sem hesitar, inesperadamente inteligente que baste para seguir a minha regra e não dizer nenhuma estupidez. Com os dedos entrelaçados nos meus, sai obedientemente da zona das tasquinhas, passando pelas bancas de bebidas fechadas e por entre filas de veículos estacionados.

— Entendo que não devo dizer nenhuma estupidez, mas começo a temer que estejas prestes a assassinar-me.

— Sei que trouxeste preservativos. Onde está a tua carrinha?

— Que raio está a acontecer? — pergunta ele, estacando e olhando fixamente para mim.

Sinceramente, também não tenho a certeza do que está a acontecer. Estou apenas a seguir ao sabor da corrente, a fazer o que as minhas emoções ao rubro e o álcool me dizem que faça.

— Hum... Bem, se estiveres de acordo, quero saber se me podes foder no capô do carro do meu ex. Para me desferrar, percebes?

— Cum... caraças — responde o Red, atirando a cabeça para trás enquanto solta uma sonora gargalhada. — Não sei, Cass. Isso é marado.

— Pedi-te porque és o homem mais desvairado que conheço. Se não o fizeres, indica-me alguém que o faça. — Sinto as faces a arder com um fogo que me consome todo o corpo a partir de dentro. Não tinha pensado na possibilidade de ele recusar. *Merda*. Pressiono os olhos com os dedos para conter lágrimas de vergonha.

— Acho que não queres fazer isto — insiste ele.

— Tu não sabes nada do que eu quero. Estás aqui porque eu não quis alguém que me tentasse convencer a não o fazer. Eu só... — Começo a perder o ímpeto. — Obriguei-me a vestir-me e a maquilhar-me para vir aqui, pensando estupidamente que teria uma noite divertida. Depois ele aparece com a rapariga com quem me enganava há meses, a Shelby deixa-me apeada e fico condenada a passar a noite contigo. Encontrei o Derek quando era para me ir embora e ele portou-se como se eu fosse uma falhada digna de pena. Detesto isso. Quero fazer algo para me vingar dele, e nem me importa se ele sabe. Para variar, só quero sentir que tenho um pouco de poder, porra. Estou tão farta de ser a menina educada, madura e responsável.

— Ele estava errado. Tu és linda.

— Obrigada pelo falso elogio. Tens razão, pedir-te para fazer isto foi um desvario e *nem parece* meu. Eu não faço este tipo de coisas. Vou voltar para casa.

Ele agarra-me pelos ombros, impedindo-me de dar meia-volta e ir-me embora.

— Não estou a tentar dar-te graxa. Tu és realmente linda. Nada digna de pena... mesmo com o rosto vermelho e o olhar tresloucado. Se falas a sério em relação a isto... — Observa-me à luz fraca de faróis distantes, e a forma como os seus olhos se fixam nos meus faz o meu coração perder uma batida. É como se o Red conseguisse ver através de mim. A minha cabeça mal se mexe num assentimento subconsciente. — *Porra... Está bem*, eu faço-o. Mas vamos garantir que deixamos provas suficientes para que ele saiba.

Tudo o que consigo fazer é assentir de novo, como uma tolinha.

— Oh, e Cass? Se o teu pai acabar por saber disto, assumes as culpas, porque não quero acabar expulso do único bar da cidade.

— Oh, meu Deus. Garanto-te que ele seria a última pessoa a saber disto. Mas é bom saber que tens as tuas prioridades definidas, Red.

— Tens cá uma moral... — responde, sorrindo enquanto as suas mãos finalmente me soltam os ombros.

— Se vamos fazer isto, preciso que me fudas como se me odiasse. Não voltes a dizer-me que sou linda, nem finjas que isto é mais do que uma rapidinha de vingança.

— Achas que planeava fazer amor no capô do carro do teu ex? — rosna. — Já volto.

No tempo que ele demora a ir à carrinha e voltar, os meus pensamentos dão-me voltas na cabeça até me sentir tonta. Mesmo um pouco nauseada. É provável que isto seja uma ideia estúpida... mas não seria agradável saber que consegui uma espécie de desforra? O Red faz soar mais alarmes do que a maioria dos rapazes que conheço, mas também é o único que pode estar disposto a fazer isto. Tentando à vez convencer-me a ir em frente ou a abandonar este plano imprudente, localizo o detestável carro vermelho do Derek e encosto-me a ele com um suspiro ansioso.

Somos só duas pessoas prestes a fazer sexo puramente transacional — ele pode vir-se e eu terei a sensação de que me vinguei do meu ex. Só o vejo em *rodeos* e no bar, onde está demasiado ocupado com os amigos e com outras mulheres para se importar comigo.

Por isso, as possibilidades de isto se tornar constrangedor são muito poucas, não é verdade?

— Então, onde vamos fazer isto? — ouço-o perguntar, e a sua voz arranca-me da espiral dos meus pensamentos.

— Oh, hum... aqui mesmo — respondo, apontando para o capô onde estou apoiada. E o meu coração acelera quando ele avança para mim, pousando as mãos nos meus joelhos nus.

— Tens a certeza de que queres...

— Sim. Como se me odiasses, lembras-te?

Permito que as minhas coxas se afastem, dando-lhe espaço para se aproximar ainda mais. Fico com a pele arrepiada no rasto dos seus dedos, que me fazem estremecer onde as suas mãos calosas tocam as minhas pernas.

Os nossos olhares encontram-se e o branco dos seus olhos brilha à luz da lua.

— Respira, Cass.

Inspiro profundamente e, quando ele acena que sim com a cabeça, expiro demoradamente. A forma como ele olha para a minha alma lança um calor pela minha espinha abaixo, que se aloja como uma dor atrás do meu osso pélvico. Sentindo a sua mão subir mais a minha perna sob a folga da minha saia de ganga *Levi's* vintage, olho para baixo para me certificar de que não estou a imaginar coisas. Claro que tudo isto foi ideia minha, mas não esperava que o meu corpo reagisse desta forma. A forma como o *Red*, de entre todas as pessoas, me deixa as cuecas molhadas como um ligeiro afagar da parte interior da minha coxa devia ser considerada crime.

— Bonita pulseira — elogio, com um sorriso, tentando acalmar a tensão sexual entre nós desviando a atenção para o arame farpado fino enrolado em volta do seu pulso.

Claro que ele tem arame farpado em volta do pulso.

— Gostas? Trouxe-te um colar a condizer — respondo.

A sua mão deixa a minha perna e, por uma fração de segundo, desejo que ele a ponha onde estava. Muda de posição para que

a luz de um poste de iluminação distante incida sobre o que quer mostrar-me. Sob a densa floresta de árvores pintadas a negro no seu antebraço, vejo uma tatuagem nas costas da mão, que vai do polegar ao indicador.

Arame farpado.

Antes que possa perguntar o que quer dizer, a sua mão envolve-me o pescoço como um colar.

Um colar de arame farpado.

— Tem a medida perfeita, Cass. E também é sensual que se farta.

A respiração prende-se-me na garganta, contida no preciso lugar onde os seus dedos me pressionam a carne. Um gemido involuntário escapa-se dos meus lábios entreabertos e, apesar de estar escuro, é impossível não perceber a forma como as narinas dele se dilatam.

— O que foi que te disse sobre não dizeres nenhuma estupidez? — rosno, tentando não perder a compostura. — Se faz favor, vamos lá despachar isto.

— Credo, sabes mesmo como excitar um homem, não sabes? — Revira os olhos de forma dramática e, deixando a mão cair de novo na minha coxa, envia uma onda de calor até à minha virilha. — Se não quiseres fazer isto, diz, e eu paro.

— Não, eu quero. Continua.

Crava em mim um olhar hesitante, sem acreditar numa palavra do que digo. Para provar que não tenho dúvidas, passo-lhe os braços em volta do pescoço e esmago os meus lábios contra os dele. São surpreendentemente macios e quentes, fundindo-se nos meus. *Eram tão macios quando o beijei há instantes?* O cabelo da sua nuca tem o tamanho perfeito para eu o enrolar nos dedos. Segurando-me ambos os lados do rosto com firmeza, o Red retribui o beijo com um gemido ardente. É desajeitado, frenético, zangado e, para meu espanto, *bom que se farta*. Nada que se pareça com o beijo tenso e desconfortável que partilhámos antes. Ele passa-me a mão pelo cabelo e, quando me morde o lábio inferior, arranca outro gemido das profundezas do meu peito.

Lanço as ancas ao seu encontro quando a sua mão desliza sob a minha saia. Sinto uma contração íntima, um pedido de atenção, enquanto os segundos se arrastam ainda mais lentamente do que a sua mão. Detesto desejar que ele me toque, mas, *porra para isto*, desejo.

O seu dedo percorre o contorno das minhas cuecas antes de as puxar para o lado, fazendo o tecido apertado roçar o meu clítoris sensível. Correntes elétricas disparam em todas as direções, e não evito um gemido que o Red emudece com a boca. Repetindo do lado oposto, prende-me as cuecas entre os meus grandes lábios. Até o mínimo movimento é suficiente para fazer com que o algodão delicado me roce o clítoris. Sem pensar no que faço, balanço suavemente as ancas contra o capô do carro, fazendo deslizar o tecido. Deixando-me mais próxima da satisfação.

O Red interrompe o beijo, cambaleando um passo para trás. Ainda não me tocou realmente, mas observa-me. Atentamente.

— Porra, Cass. *Porra*.

A sua voz rouca parece desesperada e, por algum motivo que só pode ser ímpio, isso deixa-me ainda mais molhada. Quero que ele me deseje. Quero que continue a observar-me com pura lascívia. Por isso, abro mais a pernas, afastando a tanga totalmente para o lado, e mergulho dois dedos dentro de mim.

Que se lixe a rapidinha para a vingança. Estou a masturbar-me encostada ao carro do meu ex enquanto o Red, o cowboy insuportável, me observa com desejo. Ficando sóbria tempo suficiente para perceber o que estou a fazer, coro e retiro logo a mão.

— Não te disse para parares. Continua. — Ele agarra o seu pénis através das calças e afaga lentamente a protuberância sem nunca desviar o olhar do meu corpo. — Quero ver a namoradina de Wells Canyon a fazer-se vir ao ar livre. Toca-te, Cassidy. Brinca com a tua bonita cona para mim.

Engulo a custo. Devia recusar. Dizer-lhe que fosse à merda. De todas as pessoas, não devia ser ele a afetar-me desta maneira. Não devia conseguir fazer com que eu *deseje* fazer tudo o que ele pedir.

Com os dedos ensopados, encontro o meu clítoris e acaricio-o com um toque leve como uma pena, mas de uma intensidade frenética. Inclino as costas para trás, deixando meu cabelo louro cair em cascata sobre o metal vermelho brilhante, e apoio uma bota de cowboy no capô para me impedir de escorregar, rezando para que deixe um risco profundo. O Red avança para me manter as pernas firmes e bem abertas, e eu contemplo como me observa.

— Isso mesmo, fode a tua mão em público. Enganaste-me, Cass. Pensei que fosses apenas provocadora, mas és uma perfeita oferecida, não és?

— Não. — A palavra soa áspera, pouco menos do que um murmúrio. Não sou. Não costumo ser. Não sei que raio me está a acontecer neste momento. — Só esta noite.

— Só para mim.

— Não. — *Sim, mas não estou para descobrir o porquê neste momento.* — Vai à merda.

O peito dele sobe e desce, e tem o rosto afogueado. De olhar fixo em mim, morde a parte interior da bochecha ao mesmo tempo que solta um ocasional gemido. A sua mão aperta-me mais o queixo, como se precisasse de se conter ao máximo para não me tocar noutro lado. Sentiria vergonha se fosse com o Derek, mas, com ou sem os dois quilos a mais, o Red faz-me sentir a mulher mais sensual do planeta.

— Oh, meu Deus — gemo quando um líquido quente escorre de mim, e os meus dedos abrandam e descrevem círculos preguiçosos, deixando passar a tempestade. As pupilas dilatadas do Red refletem o luar e, sem hesitar, ele estende mão para sentir a porcaria que fiz. Passando levemente um dedo pela minha entrada até ao meu clítoris inchado, enviando-me um arrepio estimulante espinha acima.

— Caraças, olha para ti. É a coisa mais escaldante que já vi.

Introduz um dedo fresco em mim, roubando-me o fôlego. Ao invés de forçar, como tantos homens parecem fazer, move lentamente a parte carnuda do dedo médio como se me chamasse a si. Introduz um segundo dedo e o seu olhar parece escurecer ao meu gemido.

— Se fazes esses sons apenas com os meus dedos, vais gritar quando te encher a sério.

— Céus, és *tão* palerma.

— E vais ficar linda esticada em volta da minha pila — continua, retirando os dedos e deixando um vazio que desespero para que ele encha. Dedos, língua, pila... aceito o que ele me der. Ainda que não possa confessar essa verdade.

— Isso quer dizer que vais finalmente foder-me? — pergunto, deitando-me para trás sobre o capô. O metal frio começa por ser um choque, para depois se tornar agradável enquanto tento recuperar o fôlego ao mesmo tempo que espero que ele ponha o preservativo.

Quando apanhei o Derek a trair-me, a minha melhor amiga de infância, a Blair, disse-me que não existe nenhuma experiência verdadeiramente original. Acho que saber que milhões de pessoas apanharam os seus namorados a traí-las devia fazer-me sentir melhor. Olhando para o infinito céu estrelado, pergunto-me quantas pessoas terão feito sexo por vingança no capô do carro do ex com um tipo de quem não gostam particularmente. Sem dúvida que parece original.

— Meu Deus — arquejo, sem conseguir evitar, quando olho para baixo e vejo o pénis dele. Para um homem de estatura perfeitamente normal, ele tem tudo menos um pénis de dimensões normais. Na verdade, esperava que fosse pequeno, mal feito ou algo do género, para eu poder acrescentar mais alguma coisa à lista de motivos para ele estar na minha lista de «não tocar». Agora começo a perguntar-me se o facto de ele ser um idiota de cabeça quente será suficiente para me impedir de querer que aquilo que devia ser uma vez sem exemplo se repita. — Pensava que os tipos que se comportam como idiotas tinham pilas pequenas.

— Então, pensavas que era um idiota com a pila pequena, e foi por isso que me escolheste para fazer ciúmes ao teu ex-namorado? Há aqui qualquer coisa que não bate certo.

— Fecha-me essa boca, Red — ordeno, deslizando um pouco mais pelo capô e agarrando o pénis grosso. E com isso quero dizer *grosso*.

Espero que ele seja esperto o suficiente para tomar isso como um convite para que se cale e aproveite melhor o tempo limitado de que dispomos.

— Tens de praticar a tua conversa porca, querida.

— Achei que tínhamos combinado não usar essa palavra.

— Eu chamo-te o que quiser, uma vez que és tu que estás a implorar pela minha pila.

— Eu não estou... — começo a protestar, e ele abana a cabeça sem acreditar antes de olhar para baixo, para onde eu puxo inconscientemente o seu pénis na minha direção. Largo-o como a uma batata quente e sinto um calor instalar-se nas minhas faces.

Não acredito que estou a implorar ao Red que me foda...

— Eu nunca *imploraria* pela tua pila. Só estava a tentar perceber se cabe.

Não devia ter dito isto.

Ele exhibe um sorriso trocista.

— Oh, pode ficar apertado, mas tenho a certeza de que aguentas.

Posicionando-se entre as minhas pernas, agarra-me uma coxa com uma mão e segura o pénis na outra. Quando encosta a cabeça à minha entrada, já me custa respirar. E espero ansiosamente. Desejo de que ele me encha. Ansiosa para que ele me distenda com o seu enorme pénis e pelo martelar forte dos seus testículos.

Ele passa agressivamente o pénis pela minha entrada, cobrindo-a com a minha humidade a todo o comprimento. A poça que tenho entre as pernas destrói qualquer esperança de esconder a atração que sinto por ele. Os meus joelhos afastam-se mais e ele empurra a ponta para dentro de mim — o suficiente para provocar uma pressão intensa entre as minhas ancas.

Centímetro a centímetro, ele entra em mim com uma expressão saciada.

— *Respira*, Cass. Ainda nem estou perto de estar todo dentro. Tens de descontraí.

Nem perto?

— O quê? — Engulo em seco e tento concentrar-me noutra coisa que não o facto de a pila do Red estar tão dentro de mim que quase me toca nos pulmões. Mas ter reposicionado os meus órgãos internos pode explicar a minha súbita incapacidade de respirar.

— Descontraí e respira — geme. — Está quase, querida.

Quando expiro, as suas unhas curtas cravam-se na carne que me cobre as ancas e ele entra até ao fundo. O meu traseiro nu desliza sobre o capô de metal, o que faz a saia enrodilhar-se em volta das minhas ancas. Numa investida castigadora, ele não deixa nada de fora, sinto os seus testículos esmagarem-se contra a minha pele húmida e envolvo-lhe a cintura com as pernas para o puxar mais para o fundo. A cada investida, a ponta do seu pénis atinge aquele ponto que me faz estremecer. Quero-o todo — cada centímetro, porra. E detesto o quanto o desejo, a ponto de me apoiar nos cotovelos e ficar a ver o seu pénis entrar em mim; isso, não detesto nada. Ele distende-me e enche-me por completo, uma e outra vez. A cada investida poderosa, a bainha da minha tanga é arrastada pelo seu pénis e prende o meu clítoris, provocando uma espécie de fogo de artifício espantoso. Os seus movimentos são lentos e firmes. E absolutamente incríveis.

— *Porra*, és tão apertada. Como é que és tão apertada, Cass? — geme ele, atirando a cabeça para trás, o que destaca os músculos que lhe trabalham no pescoço. A sua maçã de adão sobe e desce sob a luz fraca quando ele investe de novo. — *Céus...* acho que não vou conseguir fazer com que isto dure.

Deixa-me arquejante e vazia quando sai de mim, curvando-se para passar a língua plana sobre o meu centro, lambendo-me. A minha respiração torna-se incerta e arranco-lhe o chapéu de cowboy da cabeça para agarrar uma mão-cheia de cabelo. Os meus dedos entrelaçam-se nos fios macios, agarrando-me a ele como se estivesse prestes a montar um touro — apesar de ser eu que me contorço quando ele trata o meu clítoris com uma pressão e uma leve sucção perfeitas. Nenhuma contorção ou luta me liberta do intenso prazer

que sinto. Sempre que me contorço, a minha coluna é mais pressionada contra o rígido capô de metal.

— Red, não precisas de...

As minhas palavras são cortadas quando a sua mão livre se abate sobre a minha boca.

Eu não faço isto. Não me venho quando me lambem. É demasiado molhado. Demasiado sujo. Demasiado.

Mas ele não me deixa alternativa. Todos os músculos se retesam ao mesmo tempo e sinto todo o meu sangue acorrer-me às faces, para depois fugir todo enquanto sou dilacerada por um orgasmo. A sua mão grande e quente abafa o meu gemido e a sua língua extrai todo o meu prazer até que fico a tremer debaixo dele.

— Agora não me vou sentir tão mal quando me vier demasiado depressa. Ao menos posso dizer que te fiz vir — sentencia, lambendo o lábio inferior. Os humores da minha excitação brilham na sua barba de dois dias e os seus olhos desfazem-me. Não estou completamente nua, mas o seu olhar faz-me sentir como se estivesse.

Ele parece orgulhoso. Eu sinto-me horrorizada. Uma coisa é fazer sexo com o Red Thompson. Outra coisa é saber que me vim em volta da sua boca. E a expressão saciada do seu olhar velado quase me faz sentir *bem* por isso — até parece que ele também sentiu prazer.

Porra, tenho um problema qualquer, porque gosto disto. Não devia *gostar* de fazer sexo com ele. Isto devia ser um meio para atingir um objetivo. Achei que iria para casa consolar-me da experiência insatisfatória com o meu vibrador. E nunca mais pensaria neste momento.

Graças a Deus que ele me deixa pouco tempo para o meu cérebro entrar em parafuso. O Red volta a afundar-se em mim, soltando um gemido estrangulado, e o seu polegar traça círculos no meu clítoris até eu estar de novo quase no ponto. Desta vez, ele acompanha-me.

— Gostas de foder comigo, não gostas? Gostas de me sentir dentro da tua cona apertada.

— Nem... um... pouco — respondo, articulando as palavras com dificuldade entre gemidos.

— Mentirosa. Vais vir-te para mim outra vez, Cass?

— Querias — respondo por entre os dentes cerrados.

— Hum, acho que vais, acho que vais encharcar a minha pila como encharcaste a minha cara.

— Faz-me vir — desafio, olhando-o nos olhos, sentindo uma torrente crescer dentro de mim quando ele pressiona mais o meu clítoris. *Por favor, faz-me vir.*

As minhas unhas arrastam-se sobre o capô, riscando a pintura, enquanto procuro desesperadamente algo a que me agarrar. Algo que me impeça de flutuar acima do meu corpo. O meu orgasmo emerge em volta do pénis do Red ao mesmo tempo que ele deixa cair a cabeça com um último rosnado. Tem o rosto vermelho e o seu corpo estremece numa onda suave.

— Porra — murmuramos em uníssonos, ambos indecisos se com isso queremos dizer «porra, isto foi espantoso» ou «porra, que raio acabámos nós de fazer?».

3

Red



O Denny tem de fechar um olho para se concentrar de forma ébria no que estou a dizer. Não compreendo o método do meu melhor amigo, mas ele garante que o ajuda a ouvir melhor. Apesar de, no caminho de volta à carrinha, lhe contar três vezes que fiz sexo com a Cass, ele ainda não entendeu. Não estou convencido de que à quarta seja de vez.

— Tu. Com isso queres dizer... que *tu* — balbucia, descrevendo um círculo desajeitado diante do meu rosto com o indicador — enrolaste-te com a Cassidy Bowman? Ná, não vou nisso. Nunca soube que ela dormisse por aí com *ninguém*. Definitivamente, ela é demasiado boa para se enrolar contigo.

Ele sobe para a caixa da minha carrinha e eu entrego-lhe os nossos sacos-cama. O maior contra de viver num rancho é que alguém tem de ficar sóbrio para ser o condutor da noite, ou dormimos na caixa da carrinha. Esta noite é a segunda opção. Não existem aplicações para chamarmos um carro com condutor numa cidade pequena como Wells Canyon. Temos um táxi, mas o motorista está sempre bêbedo a partir das sete da tarde e demasiado ressecado para conduzir antes das dez da manhã. Além de que eu detestaria saber quanto nos cobraria para nos levar até tão longe. Demasiado, para mim.

— Dá-me um bom motivo para eu te mentir acerca desta merda — insisto, dando-lhe com o meu saco-cama antes de o desenrolar.

Assim que descalço as botas, enfio-me na cama improvisada extremamente desconfortável. Isto era tolerável há uma década. Agora estou perfeitamente ciente de que o meu couro de 33 anos vai acordar com o pescoço rígido e uma dor de cabeça latejante.

— Prooonto. Como raio é que isso aconteceu? — pergunta o Denny, contorcendo-se no saco-cama e fazendo estremecer toda a caixa da carrinha. — *Porque* é que aconteceu? Sabes que estamos lixados se o Dave descobrir. Somos expulsos do bar e obrigados a ir até Sheridan para beber. Adoro-te, mas vou ficar danado a sério se isso acontecer.

— Porque é que ele havia de descobrir?

— Não sei. Mas ele e a Cass são muito chegados.

— Achas que ela vai contar *ao pai* sobre todos os gajos com quem fode? Quem é que faz uma coisa dessas? Juro, meu, que algumas coisas que dizes... Deixaram-te cair quando eras bebé? Talvez te tenham *chutado*.

— Caí da minha justa parte de animais por domar. Bati com a cabeça algumas vezes. É como é. Em todo o caso, *como* e *porquê* tu e ela se tornaram uma cena?

Passo uma mão pela face e detenho-me no queixo para afagar a barba de dois dias, ainda há poucas horas ensopada com os fluidos do prazer dela.

— Ela queria desferrar-se do merdoso do ex-namorado por a ter enganado, e eu fodi-a no capô do carro dele. E ela também o riscou com as botas.

Ele endireita-se, subitamente interessado na história. Sinto uma ligeira oscilação quando ele se senta, ainda que possa ser eu quem está a oscilar. O mundo parece girar mais depressa do que o habitual.

— Não me digas. E ficaste para ver a reação dele? — quer saber o Denny.

— Não, porra. As coisas tornaram-se constrangedoras logo a seguir e ela foi para casa. Eu tomei mais umas bebidas, joguei uma partida de dados e agora estou aqui.

— *Fixe, fixe, fixe.* Agora nunca mais entramos no The Horseshoe. Tinhas de ser um cabrão constrangedor, e agora a Cass vai barricar a porta.

Deixo escapar um longo suspiro, sabendo que ele pode muito bem ter razão. Ao mesmo tempo que o meu cérebro explodia com a ideia de foder a Cass uma e outra vez, era evidente que ela estava a ter uma experiência pós-orgasmo totalmente diferente. Ela tinha razão — eu não presto. Depois de uma vida a sonhar acordado com ela, estava demasiado ocupado a reviver a forma como a cona dela tem a medida certa para mim, a forma como o seu corpo reagiu ao meu toque e a sensação das suas mãos sobre a minha pele para dar por ela se ir embora até já ser demasiado tarde para a impedir.

*

Uma semana depois chega o momento da verdade. Não falei com a Cass desde o *rodeo* porque foi esse o acordo. Não voltarmos a falar do que aconteceu entre nós. Se ao menos eu conseguisse arranjar maneira de deixar de pensar nisso.

O Denny escancara a porta dupla do bar com um gesto dramático.

— Acho que não fizeste tanta merda como isso — observa.

Eu sabia que ela não nos deixaria *realmente* na rua. Fazer isso significaria admitir que tinha acontecido algo entre nós.

Não, em vez disso, ela mostra-se perfeitamente normal. Como se eu não tivesse estado dentro dela até aos tomates ou não a tivesse visto revirar os olhos quando se veio na minha pila. Sei que estava bêbedo nessa noite, mas coerente o suficiente para saber que fizemos sexo espantoso. Não imaginei tudo. Morreria de envenenamento por álcool antes de ficar demasiado embriagado para me lembrar de como foi tê-la. O seu cheiro, o seu sabor, os seus sons.

Nenhuma quantidade de álcool me consegue fazer esquecer de como ela se veio na minha cara como a porra de uma estrela porno. Foi a coisa mais escaldante que me aconteceu.

— Olá, rapazes — cumprimenta-nos. Pousa seis canecas de cerveja na mesa antes de termos tempo de nos sentarmos, prevendo exatamente a que horas chegaríamos e o que iríamos pedir sem falhas. Estamos no nosso lugar habitual de costas para a parede, longe o suficiente da pista da dança para as raparigas bêbedas não nos aborrecerem com pedidos para dançar, mas perto o bastante para as observarmos.

— Cass, já te disse o quanto aprecio deixarem-me entrar neste belo estabelecimento? — pergunta o Denny com toda a sinceridade, tomando-a pelo antebraço quando ela se inclina para entregar uma cerveja ao Colt.

— Muito bem, quantas mandaram abaixo no caminho até cá? — pergunta ela, com uma gargalhada, mas os seus olhos cravam-se em mim, cortando brutalmente a minha pele. O único motivo para não me cortar *literalmente* é o pai dela, o Dave, estar a pouco mais de cinco metros de nós e haver muitas explicações a dar se isso acontecesse.

Afasta-se com o cabelo a ondular e eu olho para ela sem qualquer pudor. Sempre soube que ela é linda, mas também que não era opção. A Cassidy é uma mulher demasiado fora do meu alcance, mas torturei-me durante anos a observá-la à distância. Mesmo no secundário ela era bonita, tinha um grupo enorme de amigos, notas perfeitas... Era totalmente intocável para alguém como eu.

Até à noite em que não foi.

A visão da Cass no bar movimentado sacia-me mais a sede do que qualquer quantidade de cerveja de quatro dólares, e deixo-me ficar a bebê-la. A beber tudo nela, das ondas douradas de cabelo sobre os ombros ao rabo perfeito em forma de coração cingido pelas calças de ganga justas. Enfrasco-me das suas curvas opulentas — as mamas mal contidas pela camisola de decote cavado e as ancas em

que quero cravar os dentes. Agrada-me que não seja magricela; posso agarrá-la, mordê-la e amassá-la sem me preocupar se ela se parte.

Com o cérebro preso num turbilhão de fantasias com ela, as horas passam sem dar por isso. Até pouco depois da meia-noite, e de ter perdido a conta de quantas cervejas bebi. A culpa é da Cassidy, por estar tão bonita que não pude parar de beber para que ela continuasse a voltar à nossa mesa — apesar de ela praticamente me ignorar — e por não me fechar a porta.

Cambaleando até à casa de banho, os meus dedos arrastam-se sobre o papel que forra a parede. Os meus joelhos ameaçam ceder quando um baixo poderoso faz estremecer as velhas tábuas do chão. É este o problema de ficar aqui até depois da meia-noite. A música country clássica dá lugar a lixo das pistas de dança precisamente quando fico demasiado bêbedo para tolerar o tipo de pessoas que gosta dessa barulheira. Empurro a porta da casa de banho em estilo foleiro e apoio a mão com firmeza na parede por cima do urinol assim que entro.

Estou algures entre a necessidade de respirar fundo para conter a náusea e a certeza de que o cheiro a mijo e blocos sanitários me fará vomitar. Assim, respiro unicamente pela boca e mijo tão depressa quanto é humanamente possível.

— Ei, meu, estamos prontos para ir embora — ouço o Colt dizer enquanto tamborila com os dedos na ombreira da porta.

— Sim, só um instante — respondo, apertando as calças enquanto me dirijo para o lavatório, que mais parece um bebedouro, para lavar as mãos.

Um pouco de água fria no rosto vai ajudar-me a sair deste estado. Não vomito quando bebo — faço um monte de outras coisas estúpidas, mas consigo conter o álcool. Depois de expirar com força e de piscar os olhos algumas vezes para limpar a visão, saio para o bar.

Faço a curva da casa de banho mesmo a tempo de ver um idiota bêbedo apalpar o rabo descomunal da Cassidy. Ela volta-se como se lhe fosse dar uma bofetada, e mal posso esperar para a ver fazer

da vida do homem uma miséria. Mas, para meu horror, brinda-o apenas com uma expressão de escárnio e algumas palavras que não consigo perceber.

Não é suficiente para lhe ensinar uma lição.

Fico piurso.

Uma névoa rubra apodera-se de mim, toldando-me a visão e fazendo-me comichão naquela parte do cérebro que quer que eu desfira o golpe primeiro e me preocupe com as consequências depois. Acho que lhe bati, provavelmente várias vezes. É difícil saber quando apagamos para tudo. Entre o ressoar do bater do meu coração no cérebro e a música eletrónica horrivelmente alta, não consigo ouvir ninguém à minha volta. O pervertido que lhe apalpou o rabo reage e, apesar de ter a certeza de que vou sentir tudo quando me passar o fluxo de adrenalina, nem sequer pestanejo ao seu primeiro contacto com o meu queixo. O meu cérebro desliga e eu desfiro sucessivos golpes, executando os movimentos até ser arrancado do confronto pelo Denny e pelo Colt, que me agarram pelos ombros para me tirarem da luta.

— Ponham-se na rua antes que vos expulse a todos — ordena a voz da Cassidy, sobrepondo-se à comoção que me preenche a cabeça. Em seguida, provavelmente dirigindo-se a mim. Acrescenta: — A sério? Mas que raio de problema é o teu?

— O meu? — grito em resposta. — Qual é o problema *daquele gajo*, porra? — E aponto para o tarado com cara de parvo, que massaja o queixo dorido, brindando-o com um olhar furioso.

A Cass segue-nos quando saímos, deixando o Dave a abanar a cabeça atrás do balcão. Ele não mostra a mínima perturbação. As lutas são uma ocorrência suficientemente regular, e não é invulgar eu estar envolvido de um ou de outro modo. Pelo menos, tenho isso a meu favor. Se ele suspeitasse que estava a tentar defender a filha dele por algum motivo, além de gostar de uma boa luta, seria um homem morto.

— Deixem-me dar-lhe uma palavrinha — diz a Cass para o resto dos rapazes.

Sem surpresas, eles afastam-se de imediato, para depois se reunirem junto à traseira de uma carrinha, alguns lugares mais adiante.

— Estás a tentar conseguir alguma coisa ao vires até aqui mostrar-te ciumento e possessivo? *Valha-me Deus*. — Ela passa uma mão pelo cabelo e a sua voz torna-se pouco mais do que um murmúrio. — Estivemos juntos uma vez e não volta a acontecer. Estávamos bêbedos e eu tomei uma decisão estúpida, nada mais. Fazes este número do cavaleiro andante mais uma vez e ficas proibido de entrar aqui.

— Então, devo permitir...

— Deves ignorar-me, como de costume — interrompe-me, com uma expressão de escárnio. — Trata-me como qualquer outra empregada do bar. Deixa que seja *eu* a lidar com os idiotas.

É mais fácil de dizer do que de fazer, porra. Nunca a ignorei. Dou mais atenção à Cassidy do que posso admitir. É assim desde que conheci a sua versão atrevida de 6 anos no recreio da escola, há mais de vinte anos. Talvez tenha fingido que não reparo nela, mas, para começar a conversa, não teríamos estado juntos se fosse meu costume ignorá-la.

Ela solta um suspiro e dá meia-volta para ir para dentro.

— Vai foder outra e esquece-me, *por favor* — recomenda, em jeito de despedida.

ELA ESTÁ HABITUADA A SEGUIR AS REGRAS. ELE ESTÁ DETERMINADO A QUEBRÁ-LAS.

Cassidy Bowman tem normas apertadas para manter a sua boa reputação: não se envolve com habitantes locais e nunca tem casos de uma noite. Mas depois de um encontro inesperado com o ex-namorado e de umas bebidas a mais, está disposta a quebrar algumas dessas regras e a deixar-se levar por uma noite.

Para Chase Thompson, mais conhecido por Red, nunca existiu uma regra que não fosse para quebrar. Com um fraquinho por Cassidy desde os tempos de escola, não hesita em envolver-se com ela por uma única noite, aceitando a sua condição: nunca falar sobre isso.

Até que dois tracinhos rosados põem todo o acordo em causa. Mas Cassidy não está interessada numa relação com o cowboy indisciplinado do Rancho Wells, e Red não precisa que lhe digam que não serve para a menina querida de Wells Canyon. A solução só pode ser uma: dividir as responsabilidades da parentalidade e serem apenas amigos, nada mais.

Só que à medida que estes limites começam a desvanecer-se, Cassidy reconhece que há regras que vale a pena quebrar.

**NÃO PERCA,
DA MESMA
SÉRIE:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-000-2



9 789895 890002